

Director, editor e proprietário  
**Antonino Dias Pinto de Castro**  
—  
Redacção e Administração:  
Rua da Rainha, 56-A  
Telef. 4515

# Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão  
**TIP. IDEAL**  
Telef. 4381  
—  
VISADO PELA CENSURA  
— AVENÇA —

## Liceu de Guimarães

HUGO DE ALMEIDA.

Com a retirada do Regimento de Infantaria 20 e a supressão do 6.º e 7.º Ano do nosso Liceu foram vibrados os golpes mais profundos na alma vimaranesa, sempre cioba do progresso da sua Terra.

A promessa da colocação do Regimento de Cavalaria 6 nesta cidade e da elevação do nosso Liceu à categoria de Central, ambas já ratificadas nas folhas do «Diário do Governo», foram recebidas como sintomas indicadores de que justa reparação ia ser feita à consciência vimaranesa, durante quase trinta anos agravada com a deslocação para outra localidade do referido Regimento de Infantaria 20 e a extinção do 3.º ciclo do nosso Liceu.

Se a promessa da construção do quartel do Regimento de Cavalaria 6 em Guimarães não dá ensejo a motivos de descrença nem pessimismo, pois com energia e persistência têm sido removidos os obstáculos que se ofereciam à sua localização, já o mesmo ambiente de esperança não se mantém relativamente ao funcionamento do 3.º ciclo liceal.

Conforme despacho ministerial de Setembro de 1956 foi autorizado o funcionamento do 6.º Ano de Ciências no Liceu de Guimarães, com começo em Outubro do mesmo ano e feita simultaneamente a promessa formal de que o 6.º Ano de Letras teria o seu início em Outubro de 1957.

Com tão salutar medida governamental parecia estar assegurada que no nosso estabelecimento de ensino secundário funcionariam em Outubro do ano corrente as secções de Ciências e de Letras.

Foi, por isso, esta resolução ministerial acolhida com verdadeiro jubilo por todos os vimaraneses, já descrentes, após tão prolongada interrupção, de novamente verem o nosso Liceu a funcionar com o 6.º e 7.º Ano.

Sucedeu, porém, que o prazo de matrícula nos Liceus termina já no próximo dia 26 de Agosto e a secretária do nosso estabelecimento de ensino secundário ainda não recebeu autorização para inscrever alunos do 6.º Ano de Letras.

Deste modo, como no decurso destes últimos 28 anos, os chefes de família da nossa terra estão a recorrer ao Liceu de Braga para que os seus filhos possam completar a secção de letras do curso liceal.

Ora, se o Liceu da capital do nosso distrito acusa grande congestão de alunos, a ponto de já estar projectada a criação de um Liceu Feminino, a elevação do nosso estabelecimento de ensino secundário à categoria de Central seria factor decisivo do almejado descongestionamento.

Como ambos se situam numa região de grande densidade, a população escolar repartir-se-ia pelos Liceus de Braga e Guimarães com mais equilíbrio, desde o momento que os pais vissem assegurada a conclusão do curso liceal dos filhos no mesmo estabelecimento.

Assim, como só em Braga funcionam os 7 anos, ali afluem os alunos predominantemente.

Acresce que o Ministério da Educação Nacional está já vinculado à promessa categórica de que o 6.º ano de Letras seria posto a funcionar no Liceu de Guimarães em Outubro de 1957.

Impõe-se, consequentemente, as diligências necessárias para que tal promessa não se confine às folhas do jornal oficial, mas se converta em esplendorosa realidade.

Só assim evitar-se-á que o regozijo vimaranesa não se transforme na mais desoladora das decepções.

Estão em causa os interesses culturais e económicos da nossa Terra e na sua defesa não se toleram tibezas nem esmorecimentos. Todos sabem que Guimarães está a passar por uma fase de grave crise industrial, com reflexos em todos os sectores da sua vida económica e, por isso, só com grandes sacrifícios os chefes de família podem mandar os filhos para outras cidades frequentar o curso complementar do Liceu.

E não é aceitável que os alunos com mais vocação para as letras sejam sacrificados, autorizando-se o 6.º e 7.º Ano de Ciências e proibindo-se iguais anos de Letras.

O obstáculo ao funcionamento desta secção não pode fiar-se na falta de instalações, pois enquanto o curso de Letras necessita apenas de uma ou duas salas de aula com as indispensáveis carteiras, a secção de Ciências requer laboratórios de química, de física, museu de ciências naturais, etc., com uma infinidade de instrumentos, sob pena do ensino das disciplinas que constituem esta Secção resultar improficuo e sem sentido prático.

O estudo das disciplinas que constituem o 6.º e 7.º Ano de Letras reveste-se de carácter especulativo, resume-se a uma ginástica mental e, por isso, não carece de salas laboratoriais como a secção de ciências.

E, inclusivamente, com o funcionamento do 6.º e 7.º Ano de Letras que se restauram as tradições culturais de Guimarães, onde o culto das humanidades desfrutou sempre de grande primazia e relevância.

Não queiramos com a nossa passividade e indiferença perder a oportunidade única e excepcional de reaver os dois últimos anos que integram o curso liceal, agora que apenas nos assiste o direito de solicitar o cumprimento da promessa feita em despacho ministerial publicado no «Diário do Governo» de Setembro de 1956.

Não consintamos, mercê da nossa inércia, deixar esta promessa, em tão boa hora formulada, cair no olvido.

## Guimarães e Aljubarrota

J. SOARES LEITE.

Em complemento das considerações feitas o ano passado a respeito da comemoração da Batalha de Aljubarrota, que Guimarães não esquece nem nunca poderá esquecer, venho este ano manifestar o meu regozijo por verificar que alguns passos foram dados no sentido de dar maior grandiosidade ao acto.

Verificou-se sobretudo mais compostura e mais silêncio, o trânsito interrompeu-se em parte naquele largo que se transformou em templo, tendo como altar o Padrão das Vitórias, ali à entrada da igreja da Oliveira.

E a Festa do Pelote de tão longas tradições e assim conhecida pelo povo.

Vem de longe essa festa que em tempos era mais completa, como se pode verificar nas «Memórias Ressuscitadas da antiga Guimarães», do P.º Torcato Peixoto de Azevedo, que nos diz:

«E' sabido que em todos os anos que ao mundo vêm é feita em ela (Colegiada) por todos os beneficiados, cônegos, e clérigos e coreiros, e o povo da Vila em véspera de Santa Maria a 14 de Agosto, em Memória da real batalha de Aljubarrota, que tal dia venceu o dito senhor rei, uma solene procissão mui devota, que em nenhuma outra parte se faz, e só se canta uma missa solene no padrão da Senhora da Vitória, pela guarda do rei e do reino, com um devoto sermão. E no lugar mais alto daquele Padrão se manifestam e põe as insígnias do pelote, loudel, videlas, grojal, e a mesma lança com que o dito senhor pelejava contra seus inimigos e os vencida, e acabada a missa se recolhe o cabido, camera e todos os mais em procissão para dentro da igreja, aonde antigamente havia um túmulo, e em roda dele pela alma do dito snr. rei e de todos os mais que na dita batalha

## Absolvo te a peccatis tuis

Lancei de mim  
Os ouropéis  
E lantejoulas  
Que me vestiam.

E achei-me nu!

Corei ao ver-me,  
Corei de mim,  
Não por os outros  
Me verem nu.

Senti vergonha,  
Pudor e nojo  
De assim me ver,  
Tão diferente  
Do que julgara  
E do que os outros  
Viam em mim.

Nu, pelo chão  
Quis esconder-me,  
Morrer, sumir-me  
Dentro da Terra.

Porém o peso  
Dos meus pecados  
Era mil vezes  
O do meu corpo,  
E ali fiquei  
Nu e de rojo  
Até que as cinzas  
Compadecidas  
A mim vieram  
E me cobriram  
De luto e dó.

Obscuro ser,  
Nu e de rastos  
Na lama e o pó,  
Já com as pedras,  
Ervas e bichos  
Me confundi.

Verme saído  
Do lodo e a cinza,  
Em paz comigo  
Me entrego puro  
Nas mãos de Deus.

AMÉRICO DURÃO

se finaram, se dizem certos resposos com sua oração...»

Desas comemorações do século XVII resta-nos a missa solene e o sermão junto ao Padrão de Nossa Senhora das Vitórias.

Festa solene e evocativa dum dos maiores Feitos da nossa História, que não podemos nem devemos esquecer.

A ele deve estar presente a mocidade devidamente esclarecida do acto.

Não é de mais repeti-lo: O Mestre de Avis, D. João I, era um grande devoto de Santa Maria de Guimarães. Aqui esteve por diversas vezes e aqui estava antes de partir para Aljubarrota. Aqui fez solene promessa que depois cumpriu, como consta das «Crónicas de D. João I», de Fernão Lopes: «... D. João I partiu de Santarém para cumprir sua romaria que prometeu antes que entrasse à batalha, a qual era que vencendo-a como em Deus tinha esperança, que fosse de pé a Santa-Maria-Maior-de-Oliveira, que era na Vila de Guimarães».

E para comemorar tão solene promessa do Mestre de Avis a Câmara mandou erigir um Padrão, que é anterior a 1843, e que se encontra no começo da Rua de D. João I. Ali, ou no Miradouro, o Rei se descalçou e sua Família dirigindo-se a pé ao templo de Santa Maria Maior de Guimarães, onde terminou a sua promessa.

Das dádivas que o Rei de Boa Memória deixou em Santa Maria de Guimarães avultam o seu peso em prata de que foram feitas várias peças para o culto, segundo Oliveira Martins; a reedificação da igreja da Oliveira em 1387, segundo consta duma inscrição lapidária na frontaria do mesmo templo; o Tríptico de Aljubarrota, de que há diversas versões, e a respeito do qual o dr. Eduardo de Almeida na «Revista de Guimarães» nos informa que do Inventário de 1527 de Petrus Notarius se conclui que o Retábulo foi feito da prata que el-rei ali deixou e que correspondia ao seu peso, mas que outros contestam e dizem que o dito Retábulo foi tomado a El-Rei de Castela; e ainda o Pelote Real, que era a farda do Mestre de Avis, usada na Batalha de Aljubarrota.

E é nesta última dádiva, verdadeira reiquia histórica, guardada no Museu Alberto Sampaio, que está todo o valor em nossos dias da promessa do valoroso Rei. Por isso se mantém ainda hoje e a expensas da Câmara essa comemoração histórica que para sempre ligou Guimarães à Batalha de Aljubarrota.

Esta batalha, um dos maiores feitos da nossa História pela desproporção em homens e armas, firmou, com Atoueiros e Valverde, definitivamente o reinado do Mestre de Avis e afastou a queda da independência, nessa altura vacilante.

Sem dúvida foram estas vitórias que tornaram possível a obra memorável e histórica da Inclita geração, essa obra que teve o seu fulcro principal na Escola Náutica de Sagres, adestrando os homens de então para a navegação.

E com a navegação os portugueses lançaram-se à conquista da civilização dos povos, descobrindo novos mundos, ensinando a culti-

var as terras, educando e evangelizando.

Testemunho claro e evidente dessa civilização que partiu dum país pequeno, como é Portugal continental, está nessas terras de Santa Cruz, a grande nação da América do Sul que mantém a mesma língua e bem vincados os mesmos costumes dum país irmão, onde a hereditariedade cromossomática se mantém e manteria.

Tudo isto confirma e liga o passado histórico de Guimarães ao presente, como o têm testemunhado não só os homens da Mãe Pátria, como os nossos irmãos do Brasil.

## VERÃO

POR AURORA JARDIM

A fada ficou triste com tanta desolação!

Estavam gelados rios e regatos; montanhas e arvoredos. Até o chão!

Paciente, ela esperou pelo primeirinho raio de sol iluminando o caminho.

Então falou:

— Agua, formosa e bendita, rompe o gelo e volta ao sorriso.

E a água obedeceu à fada milagrosa.

— Rama hirto, deslacha o teu torpor; cobre-te de folhagem e vem para o amor.

E a árvore obedeceu à fada milagrosa.

— Terra querida, torna-te airosa. Pela varinha de condão quero-te já em flor!

E a terra obedeceu à fada milagrosa.

Sabem? Foi assim que nasceu o Verão.

Assim e NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

## Forasteiro

na própria terra natal

II

A. L. DE CAVARLHO.

Neste comento à volta das *Qualiterianas*, anda a crítica de braço dado com o louvor.

Concurso Hípico — Essa festa, que vi adjectivada de «elegante», com efeito resultou brilhante, a todos os títulos.

Mercê de lhe alcançarem a qualidade de «concurso oficial», desse facto lhe proveio larga concorrência de cavaleiros — cavaleiros militares e civis. Com estes proveira uma numerosa afluência de espectadores. Distinta e larga afluência.

Vi citados nomes vimaraneses, como coadjuvantes deste bom número do cartaz: Eng. Duarte Amaral, Manuel Moreira, Oscar Pires. Pois os felicitou!

Assisti, pagante. E foi-me grato constatar que o Campo de S. Mamede serve para muito. Se no seu remoto passado foi épico, em nossos dias foi hípico.

Bem sei que, em nossa época, o cavalo animal cedeu bastante em prol do cavalo-motor. Mesmo assim, a festa hípica tem atractivos. Não lhe faltam situações equestres, galhardia, intrepidez. E o cavalo, colaborando com o cavaleiro, oferece-nos um espectáculo emotivo.

Festival Folclórico — Requeiram estes festivais, de cunho popular, mais ar livre. Hamaria de árvores, podendo ser. Ali, no coreto do Jardim Público, perdeu, sem dúvida, de efeito cénico. Foi, contudo, uma boa iniciativa.

Estão na «ordem do dia» estes festivais. Não se tratando de um concurso, antes de um espectáculo, perdoam-se do programa certas, proverbiais e ofensivas deficiências da arte folclórica.

Houve, porém, de tudo. Desde o autêntico ao convencional.

Os castiços *Pauliteiros de Miranda* — pureza do traje, de dança, de música, de canto — é pena que se não antecipassem, oferecendo aos espectadores um «argumento» impresso, quanto à história da sua génese. Mais avultaria o seu valor.

Pescadores da Nazaré — Es-

plêndido pela sua coreografia, colorido, vivacidade. Gostei da sua actuação. Aparte uns pequenos *senões*, é grupo folclórico de categoria. Compreendo agora porque tantas vezes é chamado à ribalta este agrupamento marinho.

Grupo de *Cantanhede* — O folclorismo tem nele algumas afinidades. Se tivesse de submeter-se a um júri de etnógrafos, ficaria classificado..., mas como rancho, tipo «Fogueiras de Coimbra».

E', sem dúvida, rico de pormenores e feitos. Agrada à vista. Não lhe falta — teatro. Como *co-ca-b chinho*, tentei saber das raparigas, de onde lhes provinha a linda herança daquela gargantilha alva, rendada, gomada, que tanto lhes alegrava o rosto. Tinhamas, cá na província, coisa aproximada, mas não tão rica.

Cantanhede, pelo que vimos, não quer ficar atrás neste movimento de terinhas portuguesas, a bem do folclore nacional. Sendo assim, terá que se cingir mais à verdade das criações populares.

Três Festadas — Guimarães revelou-se, em fartura! Para um festival onde se exibiam grupos vindos de fora, num programa longo, a amplitude permitida — mesmo sendo igual para todos os grupos — excedeu os bons limites.

Eu preferia, em vez de estar aqui a fazer reparos à quantidade, distinguir e premiar a qualidade. Exibiram-se por atacado, o que foi demais!

Sei, de experiência, que os nossos, como outros grupos, todos gostam de mostrar o seu largo repertório. Cumpre aos organizadores destes festivais, opôr travão. Quando não, o resultado é negativo: o que devia agradar, termina por desagradar. Mercê das complicações, o festival do Jardim Público chegou à madrugada.

Eu, como muito boa gente romarieta, não esperarei pelo termo do festival folclórico. Não vi o fogo preso. Era alta madrugada!...

— Um dia, muito a preceito, di-

## O TUDO E O NADA

(Ao Joaquim Novais Teixeira)

Se o nada é tudo, volve-se o tudo em nada e nada do que é ou será, retornará ao tudo ou nada.

Se o nada não foi tudo e se tudo foi o nada, alternarão o tudo e o nada, como se o nada e o tudo não fossem afinal, a diferença de unidade entre o tudo e o nada.

Só assim, cogitantemente, se compreende o tudo, sem se atingir o nada.

CORREIA DA COSTA.

## Terrenos para o Liceu

O Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, ilustre Presidente da Câmara Municipal, assinou na passada quarta-feira a escritura de compra amigável de dois terrenos para a construção do novo liceu — um por 125 contos ao sr. José Francisco Carneiro e outro por 80 contos ao sr. José Peixoto.

Registamos o facto congratulando-nos em ver resolvida mais uma parte deste problema de tanto interesse para Guimarães.

## Calçado português... para os povos de África

Pelo P.<sup>o</sup> Manuel Matos.

II

# ?!

Como vínhamos dizendo... eu ouvi uma resposta...

A minha pergunta foi esta: — Não lhe parece que antes de irem calçar o indígena africano... deviam calçar o indígena português?

Não queira o leitor saber as deduções que eu fiz em face da resposta dada.

Não afirmo que estejamos no país mais desgraçado do mundo... Deus me livre!

Só digo que... não há como ir para a África.

Noutros tempos havia horror à África.

Aquela frase: foi desterrado para a Costa d'África... era qualquer coisa de tétrico, de horrípante, de medonho.

Hoje, à face do que se ouve, é o mais belo dos mundos.

Ir para a África é quase como que ir para a Côte d'Azur... ou Praia do Sol.

Não admira, diga-se de repente, porque, hoje em dia, está tudo mudado...

Já no disse, há anos, o Teixeira Marques:

— Vós é que estais na África!

O Teixeira Marques foi meu contemporâneo no Seminário.

Amigo da música, não gostava da Filosofia.

E na Filosofia do músico é que o professor de Filosofia não ia.

Daf... o Teixeira Marques gaut!

Desgostoso, transitou para o Seminário de Fraião, onde se formou.

Foi no Guarani, no Porto, que o encontrei, depois duma ausência de anos nas missões católicas de África.

Queixando-se, é certo, da irreverente irreligiosidade do branco da metrópole, encheu-me a boca de água quando me «cantou» — ele é músico! — as belezas africanas, mesmo no campo da Religião.

E então, rematou:

— Vós é que estais na África!

Não sei se ele diria tudo isto para... inglês ver.

Mas a verdade é que ele confessava-se sinceramente feliz.

E eu, ao lembrar o Teixeira Marques, compreendi bem o sentido da resposta dada.

— Deve ter reparado, comecei eu, que o nosso povo anda mal calçado... Não lhe parece que antes de ir calçar o indígena de África, devíamos calçar o indígena português?

— Bem! disse, pausadamente. Isto cá em Portugal está, ainda, tudo muito atrasado. O nível de vida é baixo... O povo não ganha o suficiente para andar, pelo menos, satisfatoriamente calçado. Em África...

Eu atalhei rápido:

rei da minha satisfação em observar que temos mais um rancho: — a *Festada da Corredoura*.

Parabéns à F. N. A. T. local.

*Marcha Gualteriana* — Eis que passa a famosa realização dos Caixeiros de Guimarães. Mais pequeno o cortejo, sem que por isso perdesse de merecimento. Se me convidassem para me pronunciar sobre qual o melhor dos carros triunfais, eu hesitaria. Todos me pareceram bons. Na realidade, todos eram bons!

Tive satisfação em observar que a apreciação feita por mim, ano passado, quanto à vantagem em sonorizar todos os carros da *Marcha*, foi posta em obra. Deste modo, todos os carros exprimiam o seu significado. Comunicavam-se com o forasteiro.

Aquela que trazia em si um pensamento nacionalista — a *Raça* —, empolgava pela concepção das figuras e arranjo cenográfico.

Vibrantemente aclamado, logo um *Minuete*, sereno e elegante, com sumptuária de corte, nos atraía. A música, ajustadíssima à coreografia e ao guarda-roupa, cativou a multidão — premente, entusiástica.

E já as atenções se voltavam para o carro *Cartomancia*. Tudo nele era concordante: o gato preto, a coruja, os macacoides, os marfarricos, a cena esfumada do esconjuro, o alquimista feiticeiro, as sortes das cartas, tudo, tudo estava no seu lugar, para nos oferecer um carro de grande mágica.

Mas, leitores benévolo: eu encheria todo o *Notícias de Guimarães*, se lhes fosse a descrever, peça por peça, o que foi a *Marcha Gualteriana* — grande espectáculo luminoso.

Quando deve Guimarães aos moços do balcão!

Fico-me por aqui.

Até à próxima.

— Perdão, amigo! Em África o povo não usa alpergatas nem soletas de pau?

— Qual? respondeu, entre sorrisos... Em África o povo calça o calçado do meu fabrico...

E persistiu, gozoso: — Como vê, é perfeito, seguro, elegante, de boa apresentação e bom material, Metido numa embalagem «chica», quanta elegância não dá aos mujiks e aos muleques, olé...

— Senhor... dissemos nós, com a alma contraída... — e a que atribui o baixo nível de vida da generalidade do povo português, para que não possa usar o calçado do meu fabrico?

— Emudeceu uns instantes e por fim respondeu:

— Aos defeitos da Organização Social...

— O quê? Então ela é mais perfeita em África do que em Portugal?

A pergunta embaraçou o meu interlocutor, mas respondeu:

— Compreenda — disse ele: O Estado só autoriza a entrada de calçado português... Os ordenados dos funcionários do Estado são óptimos... O emigrante que, evidentemente, se lança na conquista da riqueza imensa das nossas Áfricas, não anda descalço. O indígena, duma mentalidade ainda muito rudimentar, nem aprecia a posse da riqueza nem a sabe gozar. Imita o estrangeiro... e por isso, quanto ganha, quanto gasta...

— Basta, meu amigo, retorqui eu... Basta...

— Aplique a sua última frase à psicologia comum do operariado português: Não vê que ele gasta o que ganha?

— E daí?

— E daí... se muito ganha, muito gasta... é o comércio a girar...; se pouco ganha, pouco gasta... é o comércio a parar...; se nada ganha, nada gasta... é o comércio morto...

— Que conclui? perguntou por sua vez...

— Concluo... que não há nada como ir para a África... O que não vale a pena é ir para lá ser sapateiro...

— Porquê?

— Em chegando lá o seu calçado...

Sorriu... sorrimos ambos...

Mas o caso não é para ir. E não é para rir, porque a crise na arte está a fazer vir lágrimas escaldantes nuns rostos de fome.

E o diálogo prosseguiu. Ouviremos, então, o resto.

N. do A. — Esclarecemos os nossos possíveis leitores que o interlocutor com quem travamos os diálogos, é puramente imaginário. Demos esta forma aos nossos artigos... apenas para variar de forma.

## Sombra e Luz

Adormecido ao colo o filho idolatrado,  
Ansiosa, a Mãe, relembra Aquele a quem se unira  
Por laços de ternura em Lar abençoado,  
Onde os beijos de amor não foram vã mentira.

Recorda! O sonho azul... a Lua do noivado,  
O fruto do seu ventre — um Astro que luzira —  
Depois... asas da Morte! Um Mundo destruído!  
A Sombra que pairou... a Luz que se extinguira.

E, na saudade imersa, os olhos rasos de água,  
Suplica à Virgem calasse a sua aberta mágoa,  
A noite lhe c'loriu um raio de Luar.

Doce milagre! O filho acorda e, meigamente,  
Fitando a Mãe, sorri. E a Sombra, lentamente,  
Dilui-se na Luz desse infantil olhar!

MAXIMINO MANSILHA.

## ECOS

Em correspondência para «O Primeiro de Janeiro», referia-se o solicitante correspondente nesta cidade à estrada da Penha, que pela sua estreiteza tanto dificulta o imenso trânsito que esta bela estância hoje tem.

Nós vimos apoiar essa referência, pedindo para que o alargamento se faça, também, às restantes estradas que comunicam com essa estância.

Bem sabemos que são estradas secundárias e, por essa razão, olhadas de pouco interesse; mas, no entanto, são estas vias estreitas e tortuosas, de traçados difíceis, impróprias ao trânsito de grandes veículos, verdadeiros mastodontes, que actualmente as percorrem, transportando aos lugares mais belos e pitorescos da nossa terra o turista ávido de novas paisagens e o forasteiro *pe-leve* que deseja ver muito em pouco tempo.

## Vida Rotária

Na reunião de 4.ª-feira, do Rotary Clube de Guimarães, a que assistiram como convidados os srs. Luis Mendes Lopes Cardoso e Fernando Pereira da Costa, foi, pelo primeiro, feita a tradicional saudação à Bandeira Nacional.

Presidiu o sr. Antonino Dias de Castro, secretariado pelo sr. Eng.º Helder Rocha, o qual apresentou uma comunicação sobre a *Festa do Pelote*, com que se comemorou um facto histórico ligado à nossa Terra, fazendo breves considerações, após o que procedeu à leitura do expediente.

Deste constavam várias cartas, officios e telegramas, de diversos clubes e de companheiros, um officio do sr. Presidente da Câmara Municipal comunicando que pelo chefe de Gabinete do Ministério do Interior lhe foi transmitido que S. Ex.ª o Sr. Presidente da República solicitou àquele Gabinete que expressasse à Direcção e membros do Rotary Clube de Guimarães os seus agradecimentos pela amabilidade das saudações que lhe foram dirigidas por ocasião da recente viagem ao Brasil; etc.

O sr. António Augusto de Almeida Ferreira, em prosseguimento de considerações que vem fazendo no clube, procedeu à leitura de mais um artigo do escritor Lello Portela, sobre o Mercado Comum Europeu.

O sr. Albano M. Coelho de Lima dirigiu palavras de simpatia aos novos dirigentes do clube e formulou votos pelas suas prosperidades.

Satisfazendo um desejo manifestado pela Comissão Distrital de Juventude, foi designado o nome do eng.º Helder Rocha para delegado do clube junto da referida Comissão.

Por proposta do presidente foi nomeada a nova Comissão de Admissão, constituída pelos srs. Albano M. Coelho de Lima, Armando Martins Ribeiro da Silva e José Abílio Gouveia.

Também foi designado o nome do sr. António A. Almeida Ferreira para responder a um questionário recebido do Rotary Clube de Tapes (Brasil), sobre vários aspectos da vida local.

O Presidente deu conta de vários assuntos e da visita de alguns companheiros nacionais e estrangeiros, assim como da próxima visita de um casal francês, bolseiros de Rotary.

Foi escolhido o sr. António Ribeiro Caldas para palestrante da reunião do dia 28, e procedeu-se, por fim, à habitual quete que rendeu 8500.

O comentário da reunião esteve a cargo do sr. José Abílio Gouveia. O Presidente encerrou a sessão, depois de congratular-se pela forma como a mesma decorreu.

Quase todo o trânsito, tanto ascendente como descendente, se faz pela estreita estrada de Belos-Ares, porque, pela da Costa, as dificuldades são ainda maiores, devidas ao primarismo do seu traçado e ao restrito ângulo das suas apertadas curvas, onde as avantajadas camionetes de passageiros mal podem passar e o mesmo sucedendo pela estrada de Covas, outra via importante que serve a montanha.

Por estas circunstâncias a Penha, a maior atracção turística do norte do país, está péssimamente servida de caminhos.

As três estreitas e más estradas que ligam a Penha à cidade, seriam outras tantas vias de interesse turístico se fossem devidamente reparadas e rectificadas.

A estrada por Belos-Ares, descobre ao visitante a paisagem alcantilada do norte. A estrada da Costa desbobina, através do seu percurso, a encantadora vista da cidade, o vale verdejante de Creixomil e as montanhas do noroeste e poente. A estrada da Penha, através da Lapinha até Covas, é dum panorama grandioso que desde o nascente ao sul causa admiração.

Estas importantes vias de acesso alargadas e convenientemente beneficiadas, como deveriam ser, se outro fosse o interesse que as necessidades desta terra tinham o direito de merecer, para que a sua valorização turística alcançasse a eficiência almejada, tanto em relação da sua valia histórica e artística, como das belezas panorâmicas com que a natureza a dotou.

Guimarães tem sido votada a um esquecimento deplorável, neste aspecto, embora a afluência de visitantes estrangeiros tenha aumentado de ano para ano, sem contudo possuir os meios indispensáveis a um centro de turismo, como os próprios visitantes francamente o confessam.

Assim não se pode fazer turismo, nem colher os seus desejados frutos.

Para se avaliar melhor a necessidade de beneficiar as estradas que servem a Penha, basta ver o movimento de trânsito, em números, referente aos dias 4 e 5 de Agosto corrente:

No dia 4, 500 automóveis e 200 camionetes; no dia 5, 222 camionetes e 353 automóveis. Total — 1275 veículos, com cerca de 21.145 visitantes!

Vemos assim, de forma tão convincente, o valor dum trânsito, que durante o ano assume uma quantidade impressionante de veículos que visitam aquela estância, apesar das insuficiências das suas estradas.

São estradas em boas condições, são bons hotéis ou pousadas; é o asseio e a urbanidade, os factores de importância que cativam o turista e o visitante.

Não nos faltam as belezas naturais, os monumentos históricos, templos e museus, nem a antiguidade característica dum burgo medieval, para transformar esta cidade num centro de turismo que forçosamente temos de alcançar.

## Bolsieiros de Rotary

Com sua esposa madame Rue esteve nesta cidade, em visita ao nosso Rotary Clube, o sr. dr. Raymond Rue, de Toulouse, que hoje retira a caminho de França. O simpático casal Rue mostra-se encantado com as belezas de Guimarães e com o acolhimento que lhe foi dispensado.

## PEÇO A PALAVRA...

Ao Ilustre Clínico Vimaransense  
Dr. Carlos Saraiva,  
com muita estima.

E' deveras interessante e actual o consciencioso artigo de Jules Sauerwein, escrito em Paris para um diário português com data de Junho, tendo como título «Os descendentes modernos de Icaro e Prometeu».

Firmando-se nas lendas remotas dos Atlantes que já pensavam na conquista do espaço por máquinas voadoras; lembrando-nos o desaparecimento da Atlântida e Manu conduzindo ao centro da Asia misteriosa e grande o seu povo de remota cultura, manuseia a Biblia antiga e descreve-nos a construção da Torre de Babel que pretendia exaltar o orgulho humano que uma força icognoscível contrariou.

De seguida, numa demonstração cheia de colorido e verdade, fala-nos dessa força imanente e desconhecida que destruiu a soberba humana, o dilúvio, do qual só Noé com a sua gente conseguiu escapar.

E com uma simplicidade e leveza dignas de registo continua a sua meditação sobre as velhas lendas, contando-nos que o titã Prometeu ensinou o uso do fogo tendo sido crucificado no Caucaso, salvando-se só seu filho Decalio que «escapou à inundação universal graças a uma barca onde viveu antes de se refazer a espécie humana».

Termina, de seguida, a introdução do seu interessante artigo contando-nos que «Icaro quis subir até ao Sol com umas asas coladas nos ombros, despenhando-se em chamas do alto do firmamento...».

De facto os cientistas modernos riem-se e menosprezam estes mitos como supersticiões pueris do homem primitivo, desprezíveis para um século onde a ciência atingiu o acmé do seu progresso. E realmente fazem mal. E fazem mal pois que «aos olhos de Deus».

## Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Enquanto uma grande parte das massas populares — desde o Zé de pé descalço ao ilustre cidadão de sapato fino — tem desviado as suas atenções para o percurso da vigésima volta a Portugal, em bicicleta, outros terão desviado o seu pensamento para as recordações da sua infância em que este mundo actual das voltas não andava tanto às voltas e reviravoltas, vivendo-se, então, com menor expoente de progresso, mas com maior tranquilidade e bem estar.

Hoje, que o planeta terra está transformado quanto à pacificação e ao bom entendimento entre os povos, é de crer que os habitantes de outros planetas, embora menos progressivos e com o cérebro menos iluminado com a luz da inteligência, vivam uma vida menos acidentada e menos agravada com crises teimosas e impertinentes e, consequentemente, com manifesto reflexo na situação económica dos respectivos povos, sobretudo dos que querem trabalho para terem pão.

Porém, como ainda não há meios de transporte para outros planetas, nem mesmo em discos voadores nem em aviões por jacto, vamos-nos conformando com o que se passa cá por baixo, combatendo o que for possível passar nas malhas da publicidade, como, por exemplo, a especulação descarada e provocadora na Praça do Mercado, assunto ao qual, ainda há dias, se referia o solicitante correspondente do «Primeiro de Janeiro», que, de vez em quando, deixa de respeitar a sua abastada idade para retroceder àquela passada em que, sem crítica mordaz que pudesse comprometer o prestígio da sua terra, não deixava, contudo, de salientar factos que não estavam certos.

Quando ao caso da Praça do Mercado, que, infelizmente, não tem encontrado as devidas providências, é, de facto, lamentável o que se passa e eu, que ao mesmo assunto já também me tenho referido, nada me custa dedicar-lhe mais estas palavras.

Ora como V. Ex.ª vê, minha Senhora, por mais voltas que se deem ao nosso raciocínio e por maior que seja o entusiasmo que à primeira vista se inspire, não será fácil envergar a camisola amarela no percurso das etapas da vida.

Se assim é ou não, que o digam aquelas duas irmãs gémeas de quem nos fala certa história, em que uma se considera mais feliz do que a outra, exactamente por que o destino lhe tem proporcionado melhor sorte e mais carinhoso ambiente.

E dito isto, que é tudo quanto a Musa canta no seio da temperatura mais amena que nos rodeia, nada mais tenho a acrescentar por hoje. Agosto de 1967. De V. Ex.ª cd.º ven.º e obg.º

X.

infinito a diferença é pequena entre a descoberta do fogo e a desintegração do átomo. Compreende-se que a primeira tenha sido a que mais perturbou a condição humana.

Não resta dúvida que ao longo da história do progresso humano, numa evolução crescente e lenta «houve momentos de suspensão», dilúvios e crucificações, quedas estrondosas de bezerros de ouro, humilhações de vaidades estultas, períodos solenes marcados por desmoronamentos físicos ou políticos, como se uma voz soberana se tivesse elevado do cosmos e dissesse ao homem:

«Iráis até ali e não mais longe».

Não podemos negar a evolução da Humanidade. Ela realiza-se num crescente progresso de tentar abarcar em corridas infernais os mil segredos da Natureza, os mil segredos da imensidade etérea.

Apenas nessa ansia de conquistar o espaço e a matéria o mesmo homem que a procura desvendar esqueceu-se que em dado momento se destruirá a si próprio, os seus mitos, as lendas velhas e anónimas encerram um prudente aviso, repetem a mesma voz que vem da imensidade do Cosmos e lhe diz com autoridade: «Para, não irás mais além».

Esquecem-se os cientistas políticos, amigos por vezes, inimigos outras, que quando se encontram frente a frente para discutirem os seus problemas políticos ou económicos, quer seja em Nova Iorque, Londres ou Moscovo, todos são detentores dessas armas termonucleares e que uma bomba conduzida por um foguete teleguiado, atingido que seja o seu alvo, destruirá numa fracção de minuto, uma cidade ou uma nação completa, tornando-a inabitável, reduzindo ao caos regiões feracíssimas.

Uma força demoníaca impelida para a destruição da espécie humana e, de facto, encontramos perante um intrincado problema social e moral para o qual os sábios não pendem, não estudam nem tentam solucionar. Assim o homem debate-se numa

Continua na 6.ª página.

## Formação Social e Corporativa

O Plano de Formação Social e Corporativa, instituído pela lei n.º 2085, de 17 de Agosto de 1956, propõe-se realizar um vasto e notável programa de acção tendente a divulgar e robustecer o espírito corporativo da Nação e a formar e estruturar em bases sólidas a consciência dos deveres sociais dos portugueses.

A actividade dos vários órgãos de orientação e de acção, criados pela mesma lei, está a desenvolver-se amplamente, pelo que, dentro em breve, o Plano de Formação Social e Corporativa estará a realizar integralmente a alta missão que lhe foi cometida.

No nosso distrito está já constituída a Comissão Distrital, que tem como funções legalmente determinadas as de colaborar na acção tendente à formação da consciência dos deveres de cooperação social.

Preside àquela Comissão Distrital o sr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, que tem a valiosa e competente colaboração das seguintes individualidades, com largos serviços prestados à política nacional do Estado Novo, à cultura, aos problemas sociais, económicos e do trabalho, à educação nacional, etc.: Dr. Francisco de Araújo Malheiro, pelo Governo Civil do Distrito; P.º Dr. António de Castro Xavier Monteiro, pela Hierarquia; Professor Doutor Lúcio Craiveiro de Silva, pela Faculdade Pontifícia de Filosofia; Dr. Felcíssimo do Vale Rego Campos, pela Junta de Província do Minho e pela Comissão Distrital da União Nacional; António Maria Santos da Cunha, pelas Câmaras Municipais do Distrito; D. Teresa Afonso Esquivel, pela Obra das Mães pela Educação Nacional; Dr. Francisco Miranda de Andrade, Dr. Olindo Casal Pelayo, Engenheiro Jorge Segismundo Alvares Pereira de Lima e Professor Abílio da Conceição Fernandes, pelo Ensino; Dr. Sérgio Augusto da Silva Pinto, pela Organização Nacional «Mocidade Portuguesa»; Manuel de Araújo, pela «Legião Portuguesa»; P.º António Luís Vaz, pela Imprensa; Fernando da Costa Vilaça, pelos Grêmios do Comércio e da Indústria; Dr. José António Rodrigues de Faria, pelos Grêmios da Lavoura; Dr. Manuel Faria Gonçalves e Adriano Fernandes Costa, pelos Sindicatos Nacionais; João Pinto Gomes Veiga e Manuel de Freitas Correia, pelas Casas do Povo; Dr. Ilídio Fernandes das Neves e José Moreira, funcionários da Delegação em Braga do I. N. T. P.

# Do Concelho

## Caldas de Vizela

Foi no domingo baptizada a menina que nasceu dentro da Ambulância dos nossos Bombeiros

Realizou-se na Igreja Paroquial de Nespereira o baptizado da criança que nasceu dentro da ambulância dos Bombeiros Voluntários de Vizela. Parainfaram o acto a Sr.ª Haydee de Lima, Esposa do Comandante da corporação e o Sr. José Luís de Almeida, Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Vizela. A neófito foi dado o nome de Guilhermina, em homenagem ao grande Bombeiro Guilherme Gomes Fernandes. O acto religioso teve a presença dum piquete de bombeiros, sob o comando do Ajudante do Comando Sr. Mendonça Pinto e do chefe Sr. Armando Fernandes de Oliveira, de muito povo entre o qual senhoras da melhor sociedade que ofereceram à menina lindas prendas.

No final do acto religioso foi oferecido a todos os convidados um fino copo de água, tendo o Comandante Sr. Flávio Faria feito uso da palavra para afirmar: «Os Voluntários de Vizela têm, desde hoje em diante, mais uma missão em vista: o auxílio moral e material para a afilhada dos Bombeiros Voluntários de Vizela».

### Festas da Vila

Vizela prepara-se para as suas feiras e festas anuais. Continuam a chegar ao largo da Praça da República carrocés e barracas de divertimentos populares. Trabalha-se afanosamente para que tudo esteja



Mim de semana ideal, Caldas de Vizela

pronto a tempo e horas e para que as festas deste ano não desmereçam em brilhantismo das dos anos anteriores. Dentro de dias serão distribuídos, segundo nos afirmaram, lindos cartazes relativos às mesmas.

### Os bancos do jardim

Mais uma vez apelamos para quem de direito, no sentido de que sejam colocados os bancos no nosso jardim público denominado D. Maria do Resgate Salazar, pois nestes dias de Verão a sua falta muitíssimo se tem feito sentir.

### Iluminação pública

Há dias constatamos, com grande alegria, que a iluminação pública do bairro Mourisco está a ser modernizada, obra há muito prometida. Acabada esta, devemos mais uma vez lembrar que na rua Ferreira Caldas ainda se encontram à espera dos respectivos candeeiros, os pedestais que há já muito tempo ali foram colocados.

E por último chamamos a atenção para quem de direito para o facto de o candeeiro situado defronte do edificio dos Correios se encontrar apagado há já bastantes dias. Apelamos para que seja, o mais depressa possível, eliminada esta grande deficiência.

### O que há hoje

#### No Parque das Termas

Bar-Restaurant (serviço permanente), Campismo, Ténis, Parque Infantil, Barcos a motor e a remos, matinees dançantes todos os dias abrilhantadas por uma excelente orquestra.

#### Teatro Cine-Parque

Hoje, pelas 21,30 horas, o filme das grandes emoções — TARZAN E A COMPANHIA, com: Johnny Weissmuller e Maureen O'Sullivan. (Especáculo para maiores de 12 anos).

#### Farmácia de serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia ALVES. — C.

## De Covas

### Expediente

Uma testemunha. — Conforme lhe prometemos em 7-7-57 e na última correspondência cá estamos a tratar o caso do revisor que foi indelicado para com dois passageiros em meados de Abril passado. A atitude da C. P. faz-nos lembrar aquela boa piada do «outro» que teve o desprazante de afirmar que o caso das fruteiras da estação (?) de Covas são questões pessoais... E favor ler abaixo a notícia sob o título «Comentário da semana».

— A Direcção do Ritmo Louco. — Podemos-lhe garantir que a piada do nosso prezado colega de Guardizela na notícia publicada no último número sob a epígrafe «Curiosidades» não é para este simpático conjunto, conforme já informamos pelo telefone o director Sr. Jaime Martins. Assim como ele escreveu qualquer Ritmo podia ter escrito qualquer Rancho, qualquer Festada, etc.

Pelo contrário, o Ritmo Louco está bem visto perante a Imprensa, não só pelas pessoas gradas e briosas dos seus dirigentes como pela desinteressada colaboração que presta nas festas de beneficência.

Por tudo isto merece (a nós e aos nossos colegas) a nossa maior admiração.

Também já abordamos o mesmo assunto por outras palavras...

### Apontamento

No passado domingo realizou-se na vizinha freguesia de Santa Eulália de Nespereira, o baptizado da criança que nasceu dentro da ambulância dos Bombeiros Voluntários de Vizela.

Ali compareceu um piquete de bombeiros de grande uniforme sob o comando do ajudante Mendonça Pinto e chefe de Secção Armando Fernandes de Oliveira, bem como grande número de senhoras da melhor sociedade que assistiram ao acto do baptismo e ofereceram à menina lembranças.

Parainfaram o Sr. José Luís de Almeida, Presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vizela, e a Sr.ª D. Dalila de Lima Fernandes de Faria, esposa do Comandante da Corporação, Sr. Flávio Faria.

Foi celebrante o reitor da freguesia de Nespereira, recebendo a neófito o nome de Guilhermina, homenagem ao grande Bombeiro Guilherme Gomes Fernandes.

No final do acto religioso, foi oferecido a todos os presentes um fino copo de água, tendo usado da palavra o Sr. Flávio Faria, que brindou pela felicidade da pequenina, dizendo que hoje, os Voluntários de Vizela, tinham mais uma missão em vista: o auxílio moral e material para a afilhada dos Bombeiros Voluntários de Vizela.

Louvamos a atitude simpática dos dirigentes da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vizela.

### Comentário da semana

Todos reconhecem o papel da imprensa ao apontar as irregularidades dos serviços públicos, etc. Também cremos que prestamos um favor não só ao público como também a essas empresas ao apontarmos as irregularidades e as obrigações para com o público e, quantas vezes, a indicar-lhes o caminho a seguir.

Assim o cremos e assim o entendemos da C. T. Estes (ao contrário da C. P.), ao lerem nos jornais qualquer reclamação procuram resolvê-la e até publicam muitos esclarecimentos a propósito. Assim é que se compreende. O mesmo não podemos dizer da C. P.

Vem este preâmbulo a propósito da seguinte notícia que aqui publicamos no dia 19 de Maio do corrente ano e que nessa altura foi enviada reclamação idêntica à Direcção da C. P. que até à data respondeu com um silêncio absoluto, o que é de lamentar:

«Na C. P. há pelo menos um revisor mal educado».

Já o temos dito inúmeras vezes que as automotoras «miniatura» são um meio de transporte incerto, pois a sua lotação é pequena e muitas vezes alguns passageiros ficam em terra. Além disso, aparecem outras faltas que precisam de ser conhecidas pelos dirigentes da C. P. Vejamos:

— No passado dia 15, na estação de Covas, da automotora n.º 7.221, desembarcaram seis passageiros e havia outros tantos para embarcar e qual não foi o espanto deles quando o revisor n.º 295 só autorizou quatro deles a embarcar ficando os possuidores das assinaturas n.º 30.489 e 31.263 em terra; e com palavras secas negou-se a dar o seu número às vítimas e ainda ameaçou a passageiros que se prontificaram a testemunhar o caso...

Resta acrescentar que os mesmos passageiros já apresentaram a sua justificada reclamação. Na verdade, casos destes merecem correctivos».

Enfim, os passageiros com assinatura e que pagam adiantado (pois fizeram um contrato com a Companhia) são, por vezes, as maiores vítimas. Infelizmente não é este o primeiro caso. Com o silêncio da C. P. dá-nos a impressão de que prefere não reprimir os seus funcionários indelicados só para atender as justas (aliás, muito justas) reclamações dos mesmos passageiros com bilhete de assinatura

E justo — muito justo — salientar que a C. P. não tem ao seu serviço só funcionários mal educados. Felizmente tem-nos também delicados. Entre outros salientamos o revisor n.º 385 que está sempre bem disposto e atencioso para com os passageiros.

### Malhar em ferro frio...

Na linha de Guimarães são precárias as condições dos serviços dos transportes para passageiros. A camionagem local podia resolver o problema da ligação entre a cidade e Vizela, com proveito para ela e para o público; mas tal não é possível, devido à oposição da C. P.

Para começar lembramos a conveniência da Companhia «reformar» as primitivas e perigosas carruagens que ainda andam em «exposição» (pois já acabaram as comemorações do centenário dos Caminhos de Ferro) nesta linha; de melhorar as ligações entre Santo Tirso e Guimarães e baixar às passagens, pois não se compreende que uma viagem dentro da mesma freguesia, ou seja de dois quilómetros, de Covas a Guimarães custe 1\$70 e em 3.ª classe. Para tão pequeno trajecto é demais. O que é preciso é moderar. Este preço é inexplicável. Além disso, não temos um meio de transporte a horas convenientes para assistir no cinema da cidade a uma matinee; não têm os operários meio de transporte certo e a horas de estarem de manhã nos seus empregos; não têm os estudantes transporte certo a não ser que viagem no «eterno» comboio de mercadorias com umas «luxuosas» carruagens primitivas e é raro para nas gares e os passageiros que dele se utilizam não podem (!) fazer qualquer reclamação, apesar de pagarem o mesmo que nas modernas automotoras (que é o material que satisfaz); não temos a partir de Guimarães transporte depois das 19,30, apesar de no Verão o Sol andar ainda alto a esta hora; não temos (como os de Pevidém) que se utilizam da camionagem) um meio de transporte à noite nos dias de cinema; não temos (como os da Póvoa de Varzim), nem ao menos uma vez por semana, um meio de transporte a sair do Porto pelas 0,30 horas para quem quiser assistir a uma sessão de cinema; não temos bilhetes semanais como noutras linhas; não temos comboios tranvias — onde as passagens são mais baixas — como têm os de Santo Tirso; não temos transporte a horas convenientes para regresso de Vizela, aí pelas 19,30; não temos transporte para podermos assistir a um desafio de futebol; não temos para Guimarães transporte entre as 18 e as 20 horas, etc.

E agora perguntamos: quantas dezenas (ou centenas) de crianças deixam de estudar na Escola Técnica ou no Liceu por falta de transportes?

Quantas dezenas (ou centenas) de operários arruinam a saúde pelo mesmo motivo?

A C. P. é uma empresa que tem por obrigação servir convenientemente o público. Caso contrário, não tem o direito de se opor a que as empresas de camionagem explorem a mesma zona. E agora ocorrem-nos esta pergunta: se entre Vizela e Guimarães permitissem a exploração às empresas de camionagem não estaríamos mais bem servidos? Quem nos responde?

Na C. P. só o material das novas automotoras satisfaz o público

### Sociedade

Com sua família encontra-se nesta localidade o Sr. Comandante João de Paiva Faria Leite Brandão.

— Cumprimentamos nesta localidade o nosso prezado amigo Sr. Dr. Felisberto Ribeiro Leite, advogado na cidade. — C.

### Campelos

#### A Missa Nova do Rev.º P.º Miguel da Silva Carneiro

Como tínhamos noticiado, teve lugar no pretérito domingo na nossa igreja paroquial, a Missa Nova do filho querido desta terra, Rev. Padre Miguel da Silva Carneiro. Por tal motivo, apesar do mau tempo que se fazia sentir, as ruas da nossa terra estavam totalmente engalanadas, donde sobressaía pela sua originalidade, um monumental arco, confeccionado pelos escuteiros, à saída de sua casa e ajuda vistosa passadeira de verdes e serrim, habilmente preparada pelas raparigas da J. O. C. Todo o povo compareceu em massa, para acompanhar o Eleito de Cristo até à igreja paroquial, para assistir à

sua primeira missa. Eram 10 horas, quando fortes morteiros anunciaram o início do cortejo, logo seguidos de estrondosa girândola, homenagem dos seus antigos discípulos da instrução primária, os quais lhe ofereceram, também, vistosos paramentos sacerdotais. No cruzeiro esperava Sua Rev.º o nosso Rev.º Pároco com a Acção Católica.



Rev. P.º Miguel da Silva Carneiro

Depois dos cumprimentos da praxe o cortejo seguiu rumo à igreja, onde pelas 10 e meia se dava início às solenidades.

Depois da entrada triunfal do neo-sacerdote no templo, foi cantado o Veni Creatoris, seguindo-se-lhe a Santa Missa, em que o novo levita do Senhor era acolitado pelo seu tio Rev.º Padre Luís Gonzaga Carneiro, como presbítero assistente e pelos seus discípulos Padre Fernando de Sousa e Silva e Padre José Marques da Silva, respectivamente diácono e sub-diácono.

Serviu de mestre de cerimónias o Rev.º Padre Portas Salgado e credenciário o Rev.º Dr. Américo do Couto Oliveira. A turiferário, crucífero e suriferários viam-se respectivamente os teólogos Joaquim Pimenta Rodrigues, Manuel Ribeiro Fernandes e os meninos do coro.

As primeiras lavandas serviram os Srs. Manuel Alves Carneiro, Patrício Alves Carneiro e João Mendes da Silva, e às segundas lavandas os Srs. Alfredo Ferreira Maia, Isildo Francisco da Silva e Joaquim M. S. Carneiro. No coro fazia-se ouvir, com muito agrado, a catequese paroquial, acompanhada a harmónio pelo Rev.º Abade de V. N. de Sande, sob a alta regência do consagrado maestro Rev. Dr. Manuel de Faria. A música desta missa foi escrita expressamente para o acto pelo Rev. Padre Miguel — compositor de créditos firmados — que nutre pela belíssima arte devotado carinho.

O sermão, a cargo de outro seu discípulo, Rev. Padre Avelino Cardoso que dissertou sobre o tema «O Padre, grande mensageiro da verdade e evangelizador dos povos», rematando com três Ave-Marias pelas intenções do novo sacerdote.

A Comunhão abeiraram-se do Altar para receberem a Jesus, seus Pais, irmãos e demais família.

No fim da Santa Missa seguiu-se a tradicional e comovente cerimónia do Beija-Mão, em que o neo-sacerdote deu as suas sagradas mãos a beijar ao Clero presente, seus pais e parentes e todo o povo em geral, sendo distribuída no final uma lembrança a toda a gente. Findos os actos religiosos, Sua Rev.º recebeu na sacristia os cumprimentos dos seus parentes e amigos, seguindo-se imediatamente um almoço em sua honra, primorosamente servido pela Confeitaria Clarinha, de Guimarães, na residência paroquial, artisticamente decorada com quadros típicos, confeccionados pela filiada da J. O. C. e aluna do 5.º ano do Liceu, Emília Leite da Silva.

### Apontamento

Depois de insano trabalho, sob impertinente chuva, durante uma noite inteira, na confecção dum vistoso tapete, por onde ia passar o Novo Sacerdote, um Senhor Automobilista da terra, apesar de ter sido prevenido — o que era desnecessário — quis fazer das suas, pisando sem qualquer cerimónia o dito tapete que tantas dedicações e canseiras tinha custado.

Anotamos o sucedido, que poderemos classificar de estupidez, com profundo pesar, lamentando que na

Aos brúdes, abriu a série o nosso Rev. Pároco Padre Joaquim A. M. Ribeiro Torres, que disse do contentamento que lhe ia na alma, por ser um seu paroquiano, nado e criado nesta terra — coisa que não lembra — elevado à dignidade sacerdotal e, felicitando-o, felicitou também a sua família, que considerou de exemplar e cumpridora integral da Lei de Deus.

Brindaram também pelas prosperidades do neo-sacerdote os Revs. Padres Avelino Cardoso, Luís Gonzaga Carneiro, Fernando S. Cardoso, José M. Silva, Dr. Manuel de Faria, Dr. Américo Couto e Pároco das Taipas, bem como seu tio Sr. Patrício Alves Carneiro, que formulou ardentes votos para que seu sobrinho — chamando-lhe filho — fosse, acima de tudo, um santo. Por fim levantou-se o homenageado, que comovidamente agradeceu a presença de todos, especialmente aos seus queridos pais o terem-lhe proporcionado esmerada educação, a pontos de chegar à sublimidade do sacerdócio, agradecendo ao mesmo tempo a Deus o ter-lhe concedido tal privilégio. Lembrou ainda a sua madrinha sacerdotal, que já na Eternidade, pedia a Deus, com certeza, pelo seu caro afilhado e pela qual ofereceria a sua segunda missa.

Findo o ágape, tiveram início quase logo as cerimónias religiosas da tarde, com a recitação do terço, sermão e grandiosa procissão ao Cruzeiro, presidida pelo Rev. Padre Miguel, acolitado pelos diácono e sub-diácono da Missa. Na procissão em que se incorporou todo o povo da freguesia, associações religiosas, Acção Católica, Cruzada Eucarística e Escuteiros, viam-se também muitos anjinhos.

Este imponente cortejo era acompanhado por uma excelente banda de música, que no final deu um apreciado concerto no largo fronteiro à igreja.

E com a bênção do SS. Sacramento, terminou a tão esperada e querida festa da Missa Nova — juntamente com a festa estatutária do Apostolado da Oração e do Santíssimo — que dificilmente poderá ser varrida da memória de quantos tiveram a dita de a ela assistir.

Assim ficou escrita mais uma página a letras de ouro, na história desta ridente paróquia de S. João de Ponte.

O Notícias de Guimarães, representado pelo seu correspondente em Campelos, que agradece a gentileza do convite, o que lhe permitiu o grato prazer de estar presente a todos os actos, faz votos ao Céu pelas prosperidades do novo sacerdote, com os melhores augúrios de profícuo apostolado.

### Sociedade

— Na aldeia de Ancede, concelho de Baião, encontra-se em mercado repouso, em casa de sua ilustre família, a Sr.ª D. Maria Cândida Sotomayor Negrão, dedicada esposa do Eng. Pedro Sotomayor Negrão, bem como seus estreitados filhinhos Miguel Carlos e Leonor Adelaide. Felicitados.

— Na Póvoa de Varzim, em vearano, está o Sr. Francisco Pimenta Torres, recentemente chegado do Brasil, com sua irmã D. Alzira Pimenta Torres e demais família.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa terra, aquando da Missa Nova, para a qual foi convidado, o nosso bom amigo Sr. Arnaldo Maria Fernandes e esposa, da cidade de Guimarães.

### Apontamento

Depois de insano trabalho, sob impertinente chuva, durante uma noite inteira, na confecção dum vistoso tapete, por onde ia passar o Novo Sacerdote, um Senhor Automobilista da terra, apesar de ter sido prevenido — o que era desnecessário — quis fazer das suas, pisando sem qualquer cerimónia o dito tapete que tantas dedicações e canseiras tinha custado.

Anotamos o sucedido, que poderemos classificar de estupidez, com profundo pesar, lamentando que na

nossa terra ainda exista gente de tal estofa.

### Vila Nova de Sande

Esta freguesia festejou a sua padroeira no dia da Senhora da Assunção, com missa cantada, sermão e adoração ao SS. Sacramento. Esta festa foi antecedida de conferências e confissões e uma procissão de velas na noite da véspera. Foi conferente o seu zeloso abade Rev. Padre António Lopes.

### Brito

Também nesta freguesia teve lugar na passada quinta-feira a tradicional festa da Senhora da Assunção, com várias solenidades religiosas e abrilhantada por uma banda de música. — C.

## Caldas das Taipas

### Grande festa popular

É no próximo domingo que, pelas 15 horas e no Parque de Turismo, terá início uma grande festa popular, exibido-se no ringue de patinagem o Grupo Folclórico de Oleiros (Ponte da Barca) e o Rancho de Santo André (Sobrado, da Vila das Aves).

Esta festa, dada a fama de que vêm precedidos os dois grupos, despertou vivo interesse em toda a região, esperando-se grande afluência de público.

### Caminhos paroquiais

Iniciaram-se as obras do arranjo do caminho que partindo da Avenida Trajano se dirige ao lugar da Charneca.

Trata-se de uma obra útil para os moradores daquele populoso lugar, tanto mais que é ponto de passagem e ligação para outros lugares da freguesia.

### Época termal

Decorre animada a época termal, registando-se razoável movimento nos balneários e nos estabelecimentos de hotelaria.

O Sr. Padre Jorge António Guimarães completou há dias mais um ano da sua preciosa existência.

Os seus amigos e admiradores ofereceram-lhe um almoço no Parque de Turismo, que deu motivo a serem proferidos brindes de felicitações.

### Dr. Miguel Alves

Regressou de Lisboa o Prof. Sr. Doutor Miguel Mendes Alves, ilustre Director Clínico das Caldas das Taipas.

### Carreiras de camionetas

A Empresa de Braga «Viação Auto-Motora» começou com a nova carreira de camionetas entre Braga, Falperra, Longos até às Caldas das Taipas.

Trata-se de uma carreira de grande vantagem para as povoações servidas e ainda para valorização do Turismo, uma vez que as mesmas carreiras têm ligação com as do Sameiro e Bom Jesus do Monte.

A estrada que liga desde Longos à Falperra e estava em mau estado, começou a ser reparada por ordem da Câmara Municipal de Guimarães.

### Festividade religiosa em Souto

Revestiu-se de grande luzimento a festividade religiosa realizada em Salvador do Souto, promovida por uma Comissão de paroquianos e a que presidiu o Rev.º Pároco.

Todos os actos religiosos estiveram muito concorridos, bem como o arraial que teve o concurso das Bandas Musicais das Taipas e dos Guises de Guimarães.

### Plano de urbanização

Sabemos que o plano de urbanização das Caldas das Taipas foi entregue pela Câmara de Guimarães ao ilustre arquitecto vimaranense Sr. Sequeira Braga.

Oralá que o mesmo em breve seja concluído, porquanto a abertura de novas ruas e avenidas dará lugar a que possam ser feitas várias edificações.



CALDAS DAS TAIPAS — Praia Fluvial do Turismo

Ao mesmo tempo evitar-se-ão deslizes de ordem estética citadina, com prejuízo para o desenvolvimento da Vila e do bom gosto que deve presidir às novas edificações.

Sociedade

Em gozo de merecidas férias encontra-se entre nós o Sr. Dr. Flávio Martins de Sousa, distinto Delegado da Comarca de Celorico de Basto.

— A uso das águas termais tem estado nesta Vila o Sr. Dr. Francisco da Cunha Mourão e Ex.ª Esposa.

— Deu-nos o prazer da sua visita o Sr. Gastão Adriano Mineiro, já completamente restabelecido de uma operação realizada na Casa de Saúde da Boavista — Porto.

— Na praia da Póvoa de Varzim encontram-se os nossos prezados assinantes Srs. Eduardo Leite de Faria Machado e José Martins Leite de Faria.

— Em Santa Leocádia de Briteiros e na Quinta da Cachada, encontra-se a Sr.ª D. Laura Guimarães e Ex.ª Filha.

— De visita a pessoas amigas esteve nesta Vila o Sr. Fernando Ferreira e Ex.ª Esposa. — C.

Guardizela

Uma carta aos C. T. T. de Guimarães

O correspondente do Notícias de Guimarães em Guardizela enviou, no passado dia 13, uma carta ao chefe dos C. T. T. de Guimarães, redigida nos seguintes termos:

«Na minha secção do Notícias de Guimarães do último domingo, dia 11 do mês em curso, fiz uma referência amiga aos C. T. T. de Guimarães, referência esta que julguei oportuna e justa, a respeito do meu jornal, depois de pedido mil, passar a chegar à estação dos C. T. T. de Riba d'Ave, onde o recebo, ao domingo de manhã; pois que até ao dia 5 deste mês sempre o recebi à segunda-feira, o que, embora não pareça, é uma coisa deveras muito esquisita.

Infelizmente que essa referência, feita de boa vontade, foi, parece, imerecida; pois que o referido jornal continua, como se verificou ainda no último número, a chegar-me às mãos à segunda-feira, apesar da promessa verbal que V. Ex.ª teve a bondade de me fazer: «que o Notícias, de futuro, chegaria a Riba d'Ave, porque havia possibilidades disso, pela primeira recepção ao domingo».

Na suposição do jornal ter dado entrada no sábado, dia 3, na estação de Guimarães, mais cedo que o costume, e por isso se dever a uma coincidência a chegada do mesmo a Riba d'Ave no domingo, dia 4, de manhã, pus-me, telefonicamente, em contacto com o próprio Director do semanário, o qual me comunicou que, por sinal, no sábado, dia 3, o Notícias tinha dado entrada na estação mais tarde que o costume, isto é: pela volta das 21 horas e, no dia 9, pela volta das 18, o que suponho valer sempre o mesmo, visto que a qualquer uma dessas horas não pode aproveitar da última expedição dessa estação. Só o que não faz sentido é o primeiro haver chegado a Riba d'Ave no domingo de manhã e o segundo, que certamente foi expedido de Guimarães à mesma hora, no domingo à noite, tendo, portanto, de o receber só na segunda-feira.

Ora esta anomalia é já muito velha e urge acabar com isto dumavez.

Caí no pecado de enaltecer a acção dos C. T. T., mas estou certo que não perdi o meu tempo; pois confio na acção providencial que V. Ex.ª irá tomar a tal respeito.

Será que o jornal e outras possíveis correspondências não são despachadas a horas e em condições de aproveitarem a primeira expedição de Famalicão para Riba d'Ave ao domingo?

Será que os serviços em Famalicão não têm organização precisa ou o pessoal conhecimentos bastantes para servir ao público como convém? Não sei; só asseguro que se o jornal uma vez me chegou ao domingo de manhã há obrigação de o fazer chegar sempre àquela hora.

Mais: convidando-me, em nome de alguém, para certo almoço aquando da inauguração da nova igreja de Moreira de Cónegos, da qual fui incumbido pelo Notícias de fazer a respectiva reportagem, o meu Director enviou-me uma carta com o sinal de urgente, o que parece nada valer, e deu entrada na estação dos C. T. T. de que V. Ex.ª é digno chefe, às 20 horas do dia 26 do pretérito mês, portanto numa sexta-feira, só me tendo sido entregue na segunda-feira, dia 29; ou seja ter chegado, no sábado, como devia ter chegado, recebê-la-ia naquele mesmo sábado. Portanto o que acontece com o jornal acontece, certamente, com tudo o mais.

Felizmente que, embora eu não estivesse à espera disso, lá esteve no almoço de honra em Guimarães, que os Homens de Moreira ofereceram a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz de Braga. Mas, à frente: é possível que tanto em Guimarães como em Famalicão, ou numa das partes, haja pessoal incompetente aos serviços dos C. T. T., mas nessa altura há então que metê-lo na linha ou substituí-lo por outro, pois não falta, infelizmente, quem queira trabalhar dignamente.

E como esta carta é já bastante massadora, não lhe quero roubar mais tempo, ficando, no entanto, confiado de que V. Ex.ª providenciará no sentido do Notícias de Guimarães chegar a Riba d'Ave ao domingo de manhã.

Aguardando as prezadas ordens de V. Ex.ª subscrevo-me com a máxima estima e consideração, de V. Ex.ª atenciosamente, A Bem da Nação—Guardizela, 13-8-957—Manuel Ribeiro, Correspondente do Notícias de Guimarães.

Festa ao glorioso Mártir S. Sebastião

É já no próximo domingo, dia 25, que se realiza a tradicional festa ao Glorioso Mártir S. Sebastião.

No sábado irá, como de costume, um grupo de Zés P'reiras visitar as mordomas e os mordomos.

No domingo, às 9 horas, dará entrada no arraial a Banda dos Bombeiros Voluntários de Riba d'Ave; às 11,30, Missa cantada; às 14,30, Terço e bênção do SS. Sacramento, com sermão em honra do Glorioso Mártir, pelo Rev.ª Padre Américo Ferreira Alves, distinto professor dos Seminários Diocesanos; no fim do sermão sairá da igreja uma procissão.

Depois, a Banda dos B. V. de Riba d'Ave fará o seu concerto. É juiz substituto desta festa o Sr. João Pereira da Silva.

Tudo se conjuga, pois, para que a festa atinja o brilho desejado.

Aniversário Sacerdotal

Passa amanhã o primeiro aniversário da Missa Nova do Rev.ª Padre Cândido da Conceição Rocha, filho de Guardizela, que é Capelão da Misericórdia de Fafe.

Recordando as manifestações de simpatia que o povo desta freguesia dispensou ao novo servo de Deus o ano passado, fazemos votos por que o sacerdócio do Rev.ª Padre Cândido seja cada vez mais fecundo.

Novo assinante

Deu-nos o prazer da sua assinatura para este jornal o nosso bom amigo Sr. Joaquim Sampaio de Sousa Pereira, desta freguesia, gentileza que muito agradecemos.

Anomalias a debelar

Num pobre rascunho, aqui publicado há tempos, sob o título «Por uma linguagem sadia», dissemos nós que é muitas vezes pela linguagem que adopta que um povo se retrata fielmente.

Houve na altura quem louvasse e quem censurasse o que então fizemos publicar. Acarinhamos os que nos viram pelo lado da razão mas não vilipendiamos os que apregoaram que «daquela maneira estávamos a fazer da freguesia propaganda suja e a relaxar a terra»; pois é destes que muitas vezes nos vem o melhor fruto. É assim, caro leitor, um homem deve ser discutido. Como tantos outros pecadores temos a nossa vaidade e o que mais nos convém é que digam de nós — e não importa se de bem se de mal.

Infelizmente, desgrazadamente vemos, com tristeza, as nossas palavras justificadas.

«Logo se vê na aragem quem vem na carruagem» — diz o ditado e é bem certo.

Há por cá, como por tantas outras terras de Cristo, o péssimo hábito do palavrão; com esta inconveniência linguística, que tão mal nos coloca e que por isso havíamos de sentir vergonha diante de nós mesmos, jamais poderemos calcular até onde a gente do nosso povo chegará. Não se lê, não se escreve, não se fala de modo a que se possa ouvir, enfim, não se experimenta a sensação dos impagáveis benefícios que nos oferece a nossa rica gramática, hoje tão maltratada!

Assim é impossível uma recta condução, por falta de conhecimentos bastantes, que nos possam fazer educados e aptos a entrar na sociedade.

Desconhecedores absolutos das regras da boa educação, alheios aos bons usos e costumes, extremos ignorantes da religião que praticam e, consequentemente, destituídos de moral, há homens que, a avaliar pelas acções que praticam ou consentem que pratiquem, são, em certos aspectos, bem piores que os outros animais.

A ordem pública e o bem comum sempre tiveram e têm de continuar a ter quem os defenda. Primeiro o respeito alheio, depois os nossos interesses pessoais.

Foi por isso que o venerando Abade desta freguesia, no último domingo, c e n s u r o u, asperamente (censura esta que foi de pura justiça e por isso a citamos), este estado de coisas que, de modo nenhum, pode continuar assim.

Aos pais assiste o sagrado dever da educação dos filhos, não só pelas palavras mas muito principalmente pelo exemplo; os maiores têm o mesmo dever de educar os seus subordinados, enfim, todos temos a obrigação de indicar aos que estão debaixo das nossas responsabilidades o caminho do bem, da pureza e da honestidade.

As Juntas de Freguesia a missão então é mais importante quando os particulares desprezam a sensibilidade alheia e praticam, publicamente, escândalos de toda a ordem.

Por estas razões e pretendendo levar as coisas pelo caminho melhor, o Rev.ª Padre Profrônio Almeida Ribeiro concluiu a sua queixa nos seguintes termos:

«Chamo a atenção da Junta de Freguesia para o que dito fica, no sentido dos prevaricadores serem corrigidos, pois da minha parte não estou na disposição de me calar».

Fazendo nossas as palavras de Sua Rev.ª daqui chamamos também a atenção das Autoridades locais para semelhantes anomalias que, sem perda de tempo, urge debelar.

Carteira do leitor

Passa, amanhã, o aniversário natalício da menina Maria Fernanda Azevedo de Castro, da Vila das Aves, a quem apresentamos os nossos parabéns. — C.

Pevidém

Na minha correspondência de 4 do corrente fazia alusão, pela segunda vez, à abertura de uma taberna nesta localidade, lamentando o facto, de que as autoridades competentes consentissem na sua abertura pois, que, como já tinha dito, existem nesta localidade mais de três dezenas desses «Canceros Sociais», que, só vão em prejuízo do progresso e da moral.

Fazia alusão a uma exposição que o Clube Recreativo de Pevidém entregou à Junta de Freguesia e depois escrevi: «É facto para lamentar a sua abertura e que as Autoridades competentes o tivessem consentido, mostrando não quererem colaborar — como o direito lhes impunha — para o bem da terra».

Ora este parágrafo deu origem a que a Junta de Freguesia se visse atingida, como se essa responsabilidade lhe fosse imputada, o que não é facto.

Quando escrevi sobre o assunto estava inteiramente elucidado e não ignorava a posição da Junta de Freguesia neste e em outros casos semelhantes.

Não é o facto de nesse esclarecimento aludirem à minha ignorância (nesse assunto) que me leva a escrever o que se me oferece, mas o de dizer aos prezados leitores, ou antes aqueles que interpretaram mal o sentido da minha correspondência e em especial à Junta de Freguesia que essa interpretação desvia o sentido por mim desejado.

Como disse, conhecia perfeitamente o que no Esclarecimento vem descrito e as demarques feitas neste caso desde a entrega da exposição pelo Clube Recreativo até ao ponto de lhes dizer que está em vésperas de ser entregue ao Governo Civil uma exposição sobre este caso.

Pensando bem, digo eu: — A interpretação da minha correspondência fora do seu verdadeiro sentido, veio dar os seus benefícios, pois que a Junta de Freguesia teve oportunidade de declarar publicamente qual a sua posição e o público — aquele que desconhecia — ficará daqui em diante elucidado sobre estas questões.

Uma vez que julgo ter dado o esclarecimento necessário para que a minha correspondência seja interpretada no seu verdadeiro sentido não deixo agora de dizer: «Não será digno de reparo que ao abrigo do tal artigo 9.º e seus parágrafos do Regulamento Policial do Distrito de Braga se não olhe para os pareceres de uma Junta de Freguesia que assim se vê privada de interferir nos assuntos da sua própria terra?»

Continuo na minha e com as mesmas palavras: «É de lamentar que as autoridades competentes o tivessem consentido, mostrando não quererem colaborar — como o direito lhes impunha — para o bem da terra».

Existem nesta localidade áreas bem pequenas em que juntos encontramos três e quatro tascos, e qual o resultado?

Ainda tenho presente um facto passado numa véspera de S. João que originou a morte de um homem por espancamento, ficando uma pobre mulher só na vida com os seus filhos, sem que o culpado ou culpados fossem castigados, por ter sido mais que um dar a morte a esse homem. E donde partiu o barulho? Apenas e simplesmente da Taberna!

Oxalá que essas autorizações, sem olhar aos pareceres das autoridades locais, não redundem em mais desgraças do que aquelas que já são do nosso conhecimento e provocadas pelo Vinho.

É triste vermos a massa operária, no fim da semana e durante ela, metidos nessas tabernas (algumas miseráveis na aparência) perdendo a razão e a féria, que deixam de entregar em casa, faltando com ela ao sustento da família, mas... o artigo 9.º tem mais poder que as razões que apresentamos.

«Forasteiro na própria terra Natal»

Não podia deixar de me referir a este artigo pelo que de verdade e bairrismo ele encerra nas suas linhas.

Parabéns Sr. A. L. de Carvalho. Continue, pois as verdades são para serem ditas embora a maior parte das vezes sejam mal interpretadas mas, acima de tudo e de todas as

IMPONENTES FESTAS

EM HONRA DE

São Bartolomeu

EM

TADIM — BRAGA

Nos dias 24 e 25 de Agosto de 1957 realiza-se esta festividade com o seguinte programa:

Dia 24 — Ao romper da alvorada salvas de morteiros e repique dos sinos da Igreja Paroquial anunciarão as Festas de S. Bartolomeu.

As 10 horas, inauguração oficial da Feira Franca que se realiza pela primeira vez na freguesia, seguindo-se a visita das entidades oficiais à Exposição de Marcenaria no recinto da Feira, após o que terá lugar a sessão solene.

As 11 horas, Grandioso Concurso Pecuário de gado bovino, promovido pela Comissão das Festas e com o patrocínio da Direcção Geral dos Serviços Pecuários e subsídios de diversas entidades oficiais.

As 20 horas, início do arraial com música transmitida por potente aparelhagem sonora e outros divertimentos próprios da Região.

As 23 horas, deslumbrante sessão de fogo de artifício.

As 23,30 horas, nova e grandiosa sessão de fogo preso e de artifício.

Dia 25 — As 9 horas, entrada na freguesia dum afamada Banda de música que será saudada por uma girândola de fogo preso, realizando em seguida um concerto.

As 11 horas, Missa Solene a grande instrumental.

As 15,30 horas, recitação do Terço e Sermão por um distinto orador sagrado.

As 16,30 horas, majestosa Procissão que percorrerá a rua principal da freguesia.

As 17,30 horas, Desafio de Futebol.

As 19 horas, Festival Folclórico com a exibição do valoroso Rancho «Festada de Guimarães».

As 22 horas, remate das festas com nova sessão de fogo preso.

Iluminações, Música, Divertimentos, Sessões de fogo preso e de artifício durante os dois dias.

Transporte pelo Caminho de Ferro para a estação de Tadiim (ramal de Braga).

contrariedades, está o nome da terra que nos foi berço.

As festas da Cidade foram uma sombra e, sobretudo, um engano para aqueles que sempre nos honram com a sua visita anual e, por essa razão, e para que se não volte a enganar quem sempre nos visita, é necessário que tal não se torne a repetir.

A Terra tem recursos e gente capaz para fazer, se não mais, pelo menos aquilo, que era costume fazer-se.

De Lordelo

Casamento

Na igreja paroquial desta freguesia, realizou-se no passado dia 4 o enlace matrimonial da prendada e gentil menina lordelense Maria Arminda da Costa Carneiro, dilecta filha do Sr. António Maria Ferreira Carneiro, conceituado industrial em Luvazim, e de sua dedicada esposa Sr.ª D. Maria da Costa Monteiro Carneiro, com o nosso prezado amigo e proprietário da «Alfaiataria Boncorre», Sr. Carlos Alberto Antunes da Fonseca, oriundo da Póvoa de Lanhoso, filho do Sr. Benjamin da Fonseca e de sua esposa, já falecida, Sr.ª D. Amélia Joaquina Antunes da Fonseca.

Apadrinharam o acto, que se revestiu de invulgar luzimento, por parte da noiva, seus tíos paternos, Sr. António de Oliveira Couto e sua dedicada esposa, Sr.ª D. Doolinda Ferreira Carneiro do Couto e por parte do noivo, seu irmão, Sr. António José da Fonseca e sua esposa, Sr.ª D. Rosa Saraiva da Fonseca.

Serviu de caudatária da noiva, que ostentava um formoso vestido, a menina Maria Gorette da Costa Carneiro.

Foi celebrante da cerimónia o Reverendo Reitor da freguesia, Sr. Padre Manuel Martins, que proferiu, na altura própria, uma tocante alocução, na qual evidenciou sobremaneira as qualidades da Maria Arminda na presidência da J. O. C., cargo que serviu com brio e piedade durante alguns anos. Ao acto assistiram também as meninas da Acção Católica, com seu uniforme e bandeira, tendo entoado os seus cânticos apropriados e o hino da J. O. C.

No final da solenidade religiosa os pais da noiva ofereceram na sua casa, em Luvazim, um primoroso almoço, que se prolongou até tarde e deu pretexto a amistosos brindes, nos quais o correspondente do Notícias de Guimarães, particular amigo dos noivos e suas famílias, enalteceu as qualidades de coração, de carácter e inteligência dos nubentes, pertencentes a duas famílias que gozam de merecido prestígio social e formulou votos pela constante felicidade do novo lar, tão auspiciosamente constituído.

Aqui, Madrid

O nosso prezado colega O Distrito de Setúbal, que pessoa amiga fez chegar às nossas mãos, publicou recentemente o artigo que aqui vamos deixar arquivado, com a devida vénia, pelas referências que no mesmo o Autor, Pedro de Freitas, faz a Guimarães.

Para alguma coisa de útil serve a prática da música nas boas relações da sociedade e nas de carácter internacional.

Há meses, em Ayamonte, foi-me dado o consolo espiritual de contactar com belos artistas da banda da Guarda Civil de Madrid. Desse contacto já resultaram largos relatos nas colunas do Distrito; e, neste momento, que me encontro mais uma vez gozando os bafozinhos carinhosos e gentis da urbe, natural foi encontrar-me com os amáveis componentes dessa organização musical, que tanto fora do agrado dos milhares de portugueses que a ouviram tanto na referida cidade de Andaluzia como no nosso Minho, a quando da sua ida, ali, às festas de Guimarães.

De visita mais esta vez a Madrid, onde gosto de passar algum tempo, impõe-se-me o dever de cumprimentar os amáveis executantes dessa Banda espanhola que calara bem fundo na minha sensibilidade, quando a ouvi nas festas das Angústias.

Depois de me orientar, tomo o Metro no Noviciado, trashedo no Sol e desço nas Delicias. Procuo a «calle Batalla del Salado» e dou com todo o aparato de guardas civis, o grande Quartel desta corporação de Espanha, de tantas tradições e serviços prestados.

São dez e meia. Manhã fresca depois de três dias de um calor intenso, e essa amenidade dispõe-me melhor para o fim em vista.

O ensaio da bela Banda está prestes a começar. Providencialmente encontro o músico que mais conhecia: Vitorino Perez Lopez — Cabo 1.º; aquele elemento que me dera em Ayamonte os dados que me serviram para escrever o que então escrevi, o autor da frase: «me gustava mucho de tocar com el».

De chofre não me conhece. Mas logo que se inteira de quem sou, o seu sorriso amável e franco leva-me à grande caserna de ensaio da banda. Sou apresentado a alguns dos companheiros que se mostram corteses para comigo.

Um cornetim está às voltas com uns exercícios de muita dificuldade, sons soltos e intercalados, denotando pericia e habilidade; um violoncelista exercita-se muito agradavelmente nuns solos, arrancando do violoncelo muito sentimento; e um tuba, à-vontade, pratica tão difíceis exercícios que só de cornetins ou clarinetes seria legítimo ouvirem-se. Indago do meu amável ciccone Vitorino de quem se trata, e ele me diz ser um irmão seu.

A caserna é vastíssima. Ao centro estão as estantes com os papéis, e de entre elas lá está o Lohengrin. Prestes vai principiar o ensaio.

Não posso, porém, assistir. Tinho o tempo marcado, visto ter de estar às onze e meia na Gran Via, porta 56, pois espera-me para tratar de assuntos jornalísticos o caudatário espanhol D. Mario Rodriguez Correa Navarro, natural de Ayamonte.

E ao sair da casa de ensaio, a mão amiga de Vitorino apresenta-me a seu chefe, o Maestro Capitão Gerardo Gimenez Vaquero.

Eu já o conhecia de Ayamonte; ele apenas me conhecia de nome por ter lido neste Distrito de Setúbal

Em seguida os convidados seguiram para Alvarinhos em visita à nova residência dos noivos, enquanto que estes haviam já partido para a Póvoa de Varzim, em viagem de núpcias.

O Notícias de Guimarães, por intermédio do seu correspondente local, deseja-lhes um futuro repleto de venturas.

Más línguas

Vagueia por cá um grupo de cavalheiros que constantemente discutem assuntos para eles totalmente desconhecidos e que só tendem a ferir pessoas e até posições.

Como aqui a Guarda Nacional Republicana à noite lhes dá caça — o que achamos muito bem — entendem-se para um Café de uma vila vizinha e ali, abarrotados do vinho, profundam as suas conversas de sobejada ignorância.

E, imagine o leitor, que o ponto das suas conversas é, quase sempre, fundado em Letras e Artes... E que ideia fazem eles!! Concerteza que comparam a cultura do espírito à dos vinhedos ou dos batatais.

Pelo que nos dizem, desta vez foi atingido o Notícias de Guimarães e o seu correspondente local. Pena é que os «chutos» que eles dizem aparecerem insertos no jornal que eles nunca leram — porque nem ler sabem — não lhes tenham sido assentes ao fundo das costas, que bem precisavam deles. — C.

quando dele me ocupei nas relações artísticas que manteve com a Humanitária de Palmela.

Num requinte de amabilidade, leva-me para a sala dos oficiais da distinta corporação, aí trocamos ligeiras impressões.

Fala-me do nosso Maestro Manuel da Silva Dionísio, pois diz-me saber que ele fora promovido a oficial-chefe de banda e que por isso deixara Palmela. Pergunta-me quem o substituiu, pois supõe-me um director da Humanitária.

Rende considerações especiais à organização artística e disciplinada da «Humanitária», ao bom espírito de camaradagem, e, fala-me de Guimarães onde fora com a sua Banda. Muito gostou do nosso Minho e apreciou o intenso labor das fábricas de tecidos de Guimarães, rendendo elogios às suas famosas festas, especialmente à «Marcha Guatieriana»; «Maravilha de marcha», «Impossível conceber tanta realidade». É esta a sua síntese.

Inquiri da quantidade de bandas militares que tem Madrid e responde-me existirem umas dez. (E vêm-me dolorosamente as nossas poucas bandas de Lisboa, praticamente três, visto a quarta, a da Mariinha, não dar sinal de si no convívio efectivo do nosso povo).

Uns abraços, umas transmissões de cumprimentos aos «bons amigos de Palmela», e despeço-me do simpático maestro.

Espera-me o Retiro! Mais um concerto da excelente Banda Municipal tenho o prazer de ouvir.

Noite calma deste domingo, recinto esplendidamente iluminado, e, à roda do colossal coreto lá estão umas sete mil pessoas religiosamente sentadas a ouvirem o delicioso concerto dessa reputada Banda de cem figuras:

«Concierto que interpretará a Banda Municipal en el Parque de Madrid, bajo la dirección del Maestro Arámburi, el día 7 de Julio de 1957, a las once de la noche.

Programa: Primera parte, 1.º — Toledo de Ohío, Pasodoble, Martín Gil; 2.º — El Rey de Ys, Abertura, Lalo; 3.º — La Arlesiana, Segunda suite, Bizet, Preludio, Intermedio, Minuetto (Flauta solista, señor Maganto), Farandola.

Segunda parte, 4.º — Viva Navarra, Jota, Larregla; 5.º — La Torre del Oro, Preludio sinfónico; Giménez; 6.º — Pan y Toros, Fantasia, Barbieri.

Não há nada melhor para uma banda fazer apaixonar o público do que lhe dar programas ao seu paladar. O povo gosta da popularidade; e por assim ser, todos os programas desta maior Banda de Espanha obedecem a atraí-lo. Mais uma vez nestas colunas afirmo que o Passo-doble, a abrir os concertos de carácter popular são o melhor aperitivo das ementas musicais.

O deste programa teve o condão de levantar freneticamente toda a enorme assistência. O seu autor, um maestro militar na situação de reforma, encontra-se no meio dos ouvintes. As palmas, calorosas e fervorosas, dirigidas a ele, obrigam-no a subir ao coreto a agradecer à Banda, mas o seu maestro, num requinte de gentileza, ofereceu-lhe a batuta para dirigir novamente esse precioso «Toledo de Ohío». E Martín Gil, emocionado com a deferência, rege a sua própria produção. Os nervos, os arrebatamentos de alma com que arranca das várias fases da marcha o excelente partido, de facto imprimem à exibição uma melhor interpretação. Finda ela, toda a assistência delira. O momento é apoteótico. Banda e maestro merecem todos os elogios.

E por mim, no final de mais este concerto em terras que não são as minhas, fica-me a consolação na imagem viva de ter observado o facto de uma deferência de batuta a um valor já na reforma para dirigir o que era seu, gesto, que me conste, nunca efectivado no nosso meio oficial.

E, se às voltas com os muitos pensamentos de inveja por não ver na nossa Lisboa o que vejo em Madrid, um portmomen me entristece a dar a razão a tal disparidade.

Em Madrid compreende-se melhor os programas a dar-se ao povo; em Lisboa, num absolutismo de obrigar-se o povo a obedecer a uma vontade que tanto pode ser artística como doentia, esse dogma envereda pelo indiferentismo e não convence e nem faz multiplicar o carinho do povo.

Programas maçudos, incompreensíveis e fora da índole popular, são um cancro; programas atraentes e convincentes, são o fruto que se propaga.

Em Madrid há camaradagem e lealdade entre compositores e regentes; em Lisboa... há aquilo que todos sabem...

Madrid, 8-7-1957.

PEDRO DE FREITAS.



# DESporto

## Homenagem aos Hoquistas Vimaraneses

### CAMPEÕES DO MINHO

A Equipa vencedora do Campeonato do Minho de Hoquei em Patins, que fez brilhar essa modalidade desportiva do nosso Vitória Sport Clube, foi merecidamente homenageada, na terça-feira à noite, no Restaurante Jordão, no decorrer de um jantar que ali reuniu grande número de admiradores dos esforçados atletas, assim como directores do Vitória, um representante da Câmara Municipal, o Presidente da Associação de Patinagem do Minho, representantes da Imprensa, etc.

Na hora alta dos brindes fizeram-se afirmações calorosas e felicitaram-se vivamente esses simpáticos desportistas que souberam conquistar para o clube que representam e para esta cidade um bem justo título que é todo o seu orgulho.

Presidiu ao repasto o sr. Dr. Gonçalo Leite de Faria, Vereador Municipal, em representação da Câmara, vendo-se ainda junto de si, na mesa de honra, os srs. Eng. Rego Amorim, Presidente da Associação de Patinagem do Minho; Eng. Alberto Costa, Presidente do Vitória Sport Clube; António Urgez dos Santos Simões, Albano M. Coelho de Lima, Antero H. da Silva, José Abílio Gouveia, Júlio Fernandes Martins, Luís Oliveira e Egdio Pinheiro, devotos vitorianos; António Xavier, capitão da equipa homenageada, etc.

O sr. Eng. Elder Rocha, activo secretário da Direcção do Vitória e nosso ilustre Colaborador, procedeu à leitura de cartas e telegramas recebidos, de entre os quais salientaremos um do Famalicense Atlético Clube, de Famalicão, outro do treinador da TEBE e outro do sr. Tenente Avelino Pereira, antigo Presidente da Associação de Patinagem do Minho.

O sr. Presidente da Associação de Patinagem do Minho, que foi o primeiro a usar da palavra para referir-se àquela justa homenagem e felicitar a Equipa de Hoquei em Patins do Vitória, o que fez com prazer, salientando o facto de nenhum castigo ter sido necessário aplicar aos dedicados atletas. Fez votos pelas prosperidades dos jogadores e seus dirigentes e de quantos vivem o desporto em Guimarães, apresentando ainda cumprimentos e saudações à Câmara Municipal.

O sr. Eng.º Alberto Costa falou, em seguida, para saudar os briosos rapazes e formular o voto de que o resultado do Campeonato do Minho seja o pronúncio para novos triunfos. Salienta o espírito de sacrifício de que os componentes da Equipa de Hoquei deram tantas vezes provas e, a propósito, citou os nomes de várias pessoas que ao desporto vimaranense têm dado o melhor do seu esforço e da sua dedicação. Saudou na pessoa do sr. Dr. Gonçalo Leite de Faria, a Câmara Municipal e o seu ilustre Presidente, assim como o Presidente da Associação de Patinagem do Minho e dirigiu palavras de apreço à Imprensa, agradecendo toda a sua prestimosa colaboração.

Falou a seguir o sr. Abílio Novais, que bordou algumas oportunas considerações à volta da equipa homenageada, tecendo merecidos elogios à Direcção do Vitória e ao seu incansável Presidente.

Depois o sr. José Abílio Gouveia, com o entusiasmo que lhe é peculiar, falou da equipa de Hoquei e salientou os nomes daqueles que tornaram possível a construção do «Rink» no Campo da Amora: — José Luís, Jacinto Teixeira e António Teixeira de Sousa, louvando-os pela sua iniciativa e pelo seu esforço. Referiu-se do mesmo modo aos componentes da 1.ª Equipa de Hoquei, citando os seus nomes e felicitando o Vitória pela escolha e pela disciplina que tem sabido imprimir àquela

Secção, sempre dentro da disciplina e da camaradagem.

O Capitão da Equipa, sr. António Xavier, ao manifestar o seu agradecimento por aquela homenagem e pelas referências ali feitas, bordou algumas considerações sobre o desporto, falando ainda o sr. Cunha Gonçalves, treinador da equipa, que do mesmo modo agradeceu as referências ali produzidas.

A terminar, o sr. Dr. Gonçalo Faria manifestou a congratulação da Câmara pelo resultado obtido, que muito honrava Guimarães e portanto disse da satisfação que sentia por ter tido oportunidade de se encontrar ali presente na comemoração da conquista do honroso Campeonato do Minho.

### Hoquei em Patins

Têm sido inúmeros os convites recebidos ultimamente pela equipa de hoquei em patins do Vitória, sobretudo depois que conquistou o Campeonato do Minho da modalidade, com o fim de se exibir em diversos rinks. Assim, a equipa do Vitória deve ter-se deslocado ontem às Taipas, onde defrontaria a equipe local, na festa de homenagem ao patinador do Turismo H. Clube das Taipas, Meneses. Estuda ainda a direcção da Secção do Clube possíveis deslocamentos à Póvoa de Varzim, para defrontar o Desportivo da Póvoa e a S. Pedro do Sul, para se exibir também no rink daquelas terras contra o União Sampedrense.

### A VOZ DOS LEITORES

Guimarães, 13-8-957.  
... Sr. Director do «Notícias de Guimarães».

Com os meus respeitosos cumprimentos, venho solicitar me permita V. ... ocupar um pouco de espaço no conceituado Jornal que tão proficientemente dirige, para o seguinte:

— Já por mais de uma vez, e neste mesmo Jornal, chamámos a atenção de quem de direito para o que de há muito exige severa repressão, — o que só eventualmente e a horas diurnas se há brandamente verificado...  
Ora, quem do trabalho vive, tem necessariamente de durante a noite repousar para no dia seguinte, e todos os dias, poder cumprir sua missão.

E' racional, é lógico, é lei!  
Vem isto a propósito do desassossego que quase todas as noites, entre as 21 e as 24 horas, se constata nas imediações da **Capela de Santa Luzia**, em que a garotada, toda a garotada, com a condenável indiferença dos **papas** se permite todo o género de garotices: pontapé na bola, estilhaçando vidraças, correrias, berreiro infernal, etc., etc., etc.

Quer dizer: há que estar a pé, até que os **educados meninos e meninas resolvam** recolher-se a casa (e às vezes mesmo já em casa continua a **chinfrineira**, sem respeito por ninguém), para que quem tem de trabalhar, possa enfim deitar-se e sossegar...

**Linda e prometedora educação, lindos e prometedores meninos e meninas!**...

A' digníssima Autoridade recomendamos o assunto.

UM LEITOR.

## PEÇO A PALAVRA...

Continuação da 2.ª página

situação aflitiva ou injustiça e opróbrio.

A sociologia, que tantos tratadistas ilustres possui, tem contribuído lentamente para a solução das diferenças humanas e o homem continua a viver na mesma diferença de classes, de pobreza e de tacahez moral e intelectual.

O rico despreza o pobre; o pobre odeia o rico...

E neste círculo vicioso não existe um assomo de comum amor, de universal concordância nos direitos gerais dos homens que um desequilíbrio estulto do orgulho e do bom viver separa em camadas sociais dispaes. Paredes meias com palácios sumptuosos onde reina a fatura e o bem estar, existem choupanas onde prolifera a doença de mãos dadas com a miséria.

O poderoso olha-a com indiferença, o miserável com ódio e desespero. E' que a caridade só por si não basta para debelar o mal...

E na magnitude do grave problema que milénios ainda não puderam resolver, uns e outros esqueceram-se que o poder evolutivo da espécie humana continua a avançar imperceptível, separado por etapas que por vezes duram séculos, «mas de que não há dúvida alguma entre o homem actual e o homem do Cromagnon media um abismo que revela a rota ascendente seguida pela pobre humanidade sofredora durante milhares de anos».

E', pois, necessário que os homens revejam com olhos de ver a magnitude do problema; é, pois, necessário que os homens parem com a apocalíptica corrida aos armamentos, à destruição, ao fratricídio e enquanto existir no mundo um lar sem pão, uma família sem lar, um velho sem carinho, uma criança sem emparo e uma mulher sem protecção, não pare o esforço comum para que no lar ou na vida das párias da sociedade reine a mesma luz, o mesmo bem estar, a mesma alegria, que no opulento lar do grande senhor.

Basta de tanto ódio entre os homens...

Não resta dúvida que existe uma necessidade insuperável de se rever as leis que regem o mundo social, político e religioso.

E para tal bastará que os sábios e os políticos do Mundo alicercem os novos estatutos nas lídimas passagens do Evangelho puro de Jesus, pleno de Paz e Amor; e para tal bastará que se lance mão da sociologia sã, coerente e equitativa; e para já bastará que se lance mão da história da humanidade, cheia de exemplos e de ensinamentos e se construa uma sociedade nova que aplique a força colossal dos átomos em benefício do homem e não na sua destruição sistemática.

Sem o concurso da sociologia, da economia e psicologia colectiva, diz-nos Juan Clemente Zamora, a explicação dos fenómenos políticos é tarefa impossível. Mas a essencial, a básica entre as ciências auxiliares é a história.

«E a história não se cria, como um quadro de paisagem, pela reprodução inerte de uma imagem; mas porque o conjunto de factos, de realidades objectivas, requerem uma ordenação e explicação».

O ainda pouco compreendido Presidente Roosevelt, num discurso proferido em 27 de Julho de 1936 perante a Convenção Nacional Democrática, em Filadélfia, analisando a gravidade do problema, disse em resumo, segundo Zamora:

«Para se escapar da tormenta que ameaça quase todas as nações do Mundo, nesta hora decisiva da nossa história, sômente há, pois, um caminho seguro.

Ditosos os povos que conseguem seguir esta rota, evitando o triste drama das guerras civis mediante o livre exercício das instituições democráticas, e criando um novo Direito que não seja mera garantia dos interesses particulares de cada indivíduo, mas que inspirando-se num profundo sentido humano, seja a encarnação suprema da vida social». Felizes e benditos sejam aqueles que o realizarem.

Que, pois, todos os que sentem pela sua pátria, pela sua família, pelo seu semelhante, uma parcela ainda de sentimento e ternura; que, pois, todos os que amam o bom e o belo desejando um dinamismo social de Bem e Amor, contribuam com todo o seu esforço, com toda a sua boa vontade para a Paz entre os homens, para o progresso integral e são da humanidade.

E os descendentes modernos de Icaro e Prometeu nunca esqueçam de que podem ser crucificados ou queimados ao aproximarem-se das profundezas abissais dos domínios de Deus, e essa voz misteriosa lhes poderá bradar do cosmos:  
«Para! Repita-se a lenda de Icaro e Prometeu».

Vizela, 28 de Julho de 1957.

Francisco Armando Pereira da Costa.

# RENAULT-DAUPHINE



VELOZ — RESISTENTE — ELEGANTE

O AUTOMÓVEL UTILITÁRIO DA ACTUALIDADE

4 portas — 5 lugares — 6,5 l./100 km. - 115 km./hora.

O máximo de segurança graças à sua estabilidade e travões incomparáveis.

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO E CONVENCER-SE-Á

Agente para o Distrito de Braga:

**António Gomes da Costa**

Telef. 4206 (Residência)

STAND EM GUIMARÃES

STAND EM BRAGA

Largo Navarros de Andrade

Av. da Imaculada Conceição

Telef. 3745

A abrir brevemente

Abriu no dia 1 de Agosto

559

## CERCA DE MEIA CENTENA de brasileiros em «busca da alma do Brasil»...

O nosso prezado colega, do Porto, «Jornal de Noticias», publicou há dias a seguinte notícia, que nos apraz trancrever com a devida vénia:

«Designando-se a si próprios como «Embaixada Recreativa», encontram-se no nosso país cerca de cinquenta brasileiros — homens e senhoras — a que se juntaram quatro portugueses, um deles com 51 anos de residência na grande República irmã.

Acompanharam os excursionistas alguns directores do prestigioso Clube Ginásio Português, entre os quais a sr.ª professora D. Deonides Spínola e o sr. comendador António Garcia.

Vieram à Europa, mas Portugal foi o primeiro país escolhido e é consolador verificarmos como todos eles se sentem encantados, citando Guimarães como a cidade onde todos deviam passar descalços para não macular o chão; o Porto — a cidade catedral do trabalho; Coimbra — a cidade-livro da alta cultura e do alto estudo; Lisboa — a linda e acolhedora.

São estes os termos dos nossos ilustres amigos, que ontem convidaram os jornalistas de Lisboa e Porto para uma recepção, que se efectuou na capital e durante a qual aqueles dois dirigentes nos encheram de encantamento com as suas deferências e especialmente quando declararam ao nosso redactor: — «Viemos a Portugal em busca da alma do Brasil...»

## Ofertas e Procura

### Fábrica de Tecidos

**VENDE-SE de 20 teares, alvará e respectivas máquinas accessorias.**

Neste redacção informa. 596

**Oleo de Peixe:** Sardinha e similares. VENDE aos melhores preços — **Joaquim José de Araújo** — Av. C. Ferreira de Matos, 80 — MATOSINHOS. 242

**Problema da Habitação** Vendem-se cotas com próxima chamada, de 30, 45, 60 e 90 contos. Nesta redacção informa. 542

**Motorista** com carta de ligeiros e pesados, profissional e com conhecimentos de mecânica, oferece-se, de preferência para serviços particulares. Esta redacção informa. 595



Agora que o Gazcidla baixou de preço, resolva-se V. Ex.ª a adquirir para a sua casa um esquentador Bulex, de procedência Belga, o qual pode ser colocado em qualquer sítio, como: Consultórios médicos e dentários, cabeleiros, cozinhas, casas de banho, etc., etc.  
Com estes extraordinários aparelhos, damos-lhe água quente em 30 SEGUNDOS.

Vendemos com facilidades de pagamento. Faça V. Ex.ª uma troca de impressões com os Agentes Exclusivos no Concelho: **Reinaldo & Guise, L.ª** Rua D. João I, 15-B Telefone 4402 d. f. GUIMARÃES 277

**Ganetas de Tinta permanente**  
Completo sortido de todas as marcas e para todos os preços  
Vendas a pronto e a prestações com bônus  
CASA DAS NOVIDADES  
RUA DA RAINHA Telef. 4550 GUIMARÃES

**BOBINAGENS**  
J. MONTENEGRO TEL. 4510 Guimarães

**No Largo João Franco, n.º 20** poderá V. Ex.ª apreciar as Novas Instalações de **A Competidora de Representações, L.ª** Únicos Importadores neste Concelho de **Tubos Galvanizados**  
No próprio interesse de V. Ex.ª não deixe de efectuar uma visita. TELEFONE, 4525. 125

**Pressa Sistema Mobile** Vende-se em estado de nova, de 4 polegadas. Para ver e tratar na CASA SIALAL, ao lado do templo do Senhor da Cruz, em Barcelos. 585  
**VIVENDA na Póvoa de Varzim** Vende-se, junto ao Liceu, nova, todo o conforto moderno, grande quintal, com capoeiras, etc., garagem. Tratar: Casa Reis, R. Tenente Valadim — Póvoa, ou Sales Caldeira, R. do Galvão, 31 r/c esq. — Lisboa. 587  
**Escritório** Passa-se por motivo de doença. Informa a Redacção. 586  
**O amor à Terra e à Grei** — eis o nosso lema. **Assinal e Notícias de Guimarães**

**FIBRA ARTIFICIAL**

**Agentes-Depositários**  
**WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª**  
R. Cândido dos Reis, 74-2.º  
TELEF. Est. 17 PORTO  
Comp. 21 404

**TER O CABELO como há vinte anos**

é ter menos velhice. E isto sem maçada. Basta usar todas as manhãs a **Loção MIN-HÓR** que em 10 ou 15 dias, sem ninguém perceber, faz voltar o cabelo à cor antiga.  
E' um regressivo.  
Vende-se na **FARMÁCIA HÓRUS** GUIMARÃES 190

**Praticante de Escritório**

De 17 anos, com prática, ainda colocado e frequentando o Curso Geral de Comércio, pretende colocação em casa de movimento, para desenvolver seus conhecimentos profissionais.  
Nesta redacção se informa 592